

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Resumo

O artigo inaugura uma investigação sobre um possível processo de gentrificação urbana em município de baixa densidade populacional e com histórico de imigração italiana: a cidade de Nova Veneza, em Santa Catarina. O estudo teve por objetivo compreender efeitos iniciais das reiteradas reformas arquitetônicas na Praça Humberto Bortoluzzi – conduzidas pelas investidas do poder público local – nos usos estabelecidos daquele espaço e na transformação urbana do seu entorno, e a estreita relação com o discurso da italianidade. Para dar conta da discussão, partimos da seguinte questão: de que modo as reiteradas reformas da Praça Humberto Bortoluzzi impactam no seu uso e na reconfiguração do seu entorno? Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, cujos instrumentos de geração de dados empregados foram observação participante, entrevistas semiestruturadas e conversas informais. A organização textual se apresenta enquanto narrativa, de modo a auxiliar a forma textual, o processo analítico, a descrição espacial e eventuais subjetividades. No campo teórico, as referências utilizadas são de autores provenientes da Antropologia Urbana e do Planejamento Urbano.

Palavras-chave: Nova Veneza; gentrificação; reformas urbanas; Praça Humberto Bortoluzzi; turismo.

Natalia D’Agostin Alano

Mestra em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Diretora de Programas Habitacionais na Prefeitura Municipal de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Brasil

natalia.alano@gmail.com
orcid.org/0000-0002-7420-1580

Natassia D’Agostin Alano

Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Brasil

tassidagostin@gmail.com
orcid.org/0000-0001-7932-0100

Para citar este artigo:

ALANO, Natalia D’Agostin; ALANO, Natassia D’Agostin. Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC. *PerCursos*, Florianópolis, v. 23, n.51, p. 466 - 497, jan./abr. 2022.

DOI: 10.5965/1984724623512022466

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724623512022466>

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

Funiculí, Funiculà? The cultural bait of italianity and the process of urban gentrification in the center of Nova Veneza - SC

Abstract

The article inaugurates an investigation on a possible process of urban gentrification in a low population density city, which has a history of Italian immigration: the city of Nova Veneza | Santa Catarina. The study had the object to comprehend initial effects of the reiterated architectural renovations at the Praça Humberto Bortoluzzi – conducted by the advances of local public power – in the established uses of that space and in the urban transformation of its surroundings, and the narrow relation with the italianess discourse To handle the discussion, we departed from the following question: in which way the reiterated renovations of Praça Humberto Bortoluzzi impact in its use and in the reconfiguration of its surroundings? It was a qualitative research, in which tools of data generation applied were a participant observation, semi-structured interviews and informal conversations. The text organization is presented while narrative, in order to assist text form, analytical process, spatial description and eventual subjectivities. In the theoretical field, the references used are from authors originated from Urban Anthropology and Urban Planning.

Keywords: Nova Veneza; gentrification; urban reforms; Humberto Bortoluzzi Square; tourism.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

[...] nós vendemos a nossa cultura.
 Nós vendemos a nossa praça [...]; a simplicidade que a cidade ainda é.
 Ela é uma cidade com trinta restaurantes; com hotéis luxuosos; com pousadas, com eventos grandes [...]. Mas ela ainda é uma cidade que preserva a cultura italiana. Então, a gente vende sim Nova Veneza como a capital nacional da gastronomia típica italiana [...]. (GHELLERE, 2019)¹²

Retornamos à cidade catarinense³ de Nova Veneza depois de exatos onze anos. Retornar impõe acepções distintas do verbo *ir* ou *chegar*, *conhecer* ou *descobrir*, *sair* ou *partir*. No dicionário Houaiss ‘retorno’ seria o ato ou efeito de regressar; voltar no tempo ou no espaço. *Re-tor-na-mos*. Verbo conjugado na primeira pessoa do plural, presente do indicativo de *retornar*. Sinônimos: regressão, repetição, reiteração. *Re-tor-nar*: voltar ao ponto de onde partiu; ir novamente; dizer ou falar como resposta. A palavra *retorno* traz outras complementaridades: voltar a um lugar significa acessá-lo de outro modo, uma vez que ele já não é mais o mesmo e os corpos que retornam também não o são. Na palavra, captura-se o *novo* e o *antigo*, como também *tempos* e *espaços* distintos. Voltamos na condição de outras de nós mesmas, sabendo, pois, da constituição que não é somente nossa, mas da própria cidade que nos constituiu. Afinal, conforme registraram Gupta e Ferguson (2000, p. 37), referenciando Durkheim, “a experiência do espaço é sempre socialmente construída” e foi nesse município em que vivemos as [quase] primeiras duas décadas de nossas vidas.

A antropóloga Teresa P. R. Caldeira, em seu livro *Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*, acentua: “quando intelectuais estudam sua própria cidade, é como cidadãos que tendem a escrever sobre ela, não como observadores distantes.” (CALDEIRA, 2000, p. 20). Escrever em tal condição, ainda que pese o tom científico, significa que “sua visão da sociedade está mais exposta à contestação tanto por parte de outros analistas sociais quanto de seus concidadãos” (CALDEIRA, 2000, p. 20). Do mesmo modo que Caldeira (2000), em sua posição como cidadã e pesquisadora da cidade de São Paulo, retornamos à nossa cidade de origem, Nova Veneza (NV), e a

¹ Presidenta da Associação Neoveneziana de Turismo em 2019.

² Essa declaração se encontra em vídeo publicado por CRI TV, intitulado *Nueva Venezia: ancora e sempre sorprendente*.

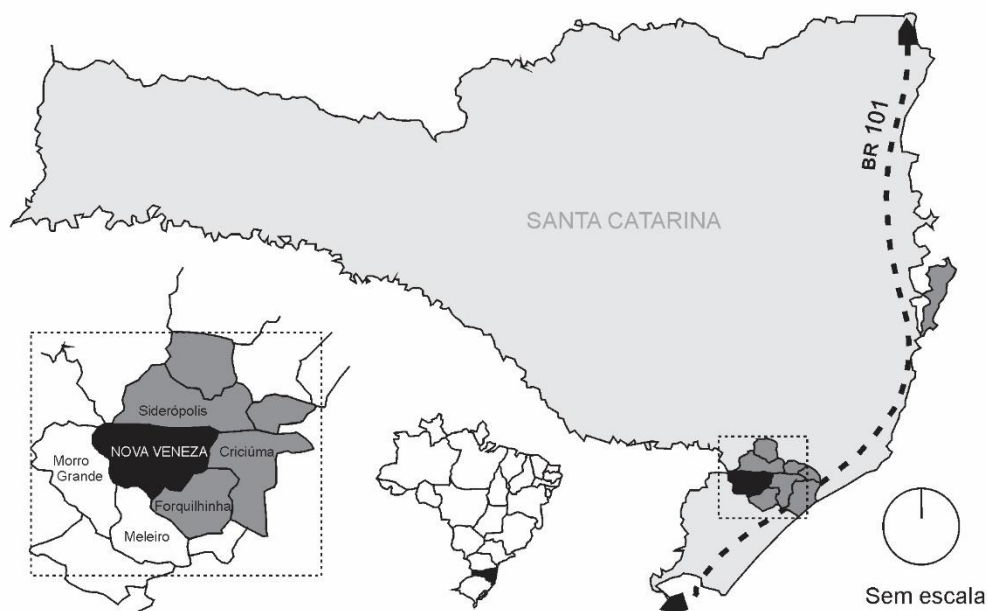
³ Neste artigo, ‘cidade e município’ representam o território de Nova Veneza e são utilizados como sinônimos.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

elegemos como objeto deste artigo (Figura 1), o qual tem como objetivo compreender efeitos iniciais das reiteradas reformas arquitetônicas na Praça Humberto Bortoluzzi (Praça H. B.) – conduzidas pelas investidas do poder público local – nos usos estabelecidos daquele espaço e na transformação urbana do seu entorno, e a estreita relação com o discurso da italianidade. A começar pelo nome do município, a palavra *Nova* antes de *Veneza* indica que estamos nos referindo a uma localidade que remete a Veneza, na Itália. O nome evidencia a colonização de imigrantes italianos provenientes da região Norte daquele país. Se no passado, nomear a “colônia”, fazendo referência à região de onde provinham tais habitantes indicava alusão a suas origens, bem como uma aparente busca por pertencimento, hoje, este fator histórico parece estar sendo um “carro-chefe” para o investimento público e privado na área central da cidade.

Figura 1 – Localização de NV | Santa Catarina



Fonte: Google Earth, adaptada por Natalia Alano (2020).

Nela, o investimento por parte do poder público, utilizando do argumento da italianidade, pode ser observado por meio de reformas e construções arquitetônicas que

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

– no contexto de um município de baixa densidade populacional⁴ e de uma área central relativamente pequena, em termos de dimensão territorial – ficam ainda mais evidentes. Como exemplo, destacamos as recorrentes reformas ou “revitalizações”⁵ da Praça Humberto Bortoluzzi que se iniciam em 2006 com a chegada da Gôndola *Lucille* direto de Veneza (Itália)⁶: a construção e reforma do lago da gôndola em 2006, 2009, 2012 e 2018; a construção de um Coreto e a ampla reforma da praça, em 2012; e, em 2019, a produção da Rua Coberta e sua repavimentação⁷. No entorno da praça – ainda na área central –, também é possível observar investidas do poder público local em edificações arquitetônicas e urbanísticas como: o *Palazzo delle Acque* (2011); a *Ponte dei Morosi* (2016), a Casa da Minestra (2018) e, mais recentemente, a reforma de pavimentação e calçadas na Rua dos Imigrantes (Figura 2).

O investimento do poder público em construções, reformas e eventos – mediado pelo argumento da “cultura italiana” e concentrado na área central – nos direciona a associar tal agenciamento com um processo inicial de *gentrificação*. Nossa compreensão apriorística, i.e. hipotética, é a de que o processo de *gentrificação* – que no século XXI avançou significativamente em metrópoles mundiais (SOARES, 2016) –, em maior ou menor grau, pode estar ocorrendo na área central do município interiorano e de pequena densidade: Nova Veneza, doravante, NV. Nesses termos, considerando as intervenções na área central de NV e as especulações ou hipótese sobre os seus efeitos, a questão que se coloca neste estudo é a seguinte: *de que modo as reiteradas reformas da Praça Humberto Bortoluzzi impactam no seu uso e na reconfiguração do seu entorno?*

Tendo em vista a escassa literatura sobre o município de Nova Veneza/SC, especialmente no que concerne à temática em questão, e a dificuldade em quantificar

⁴ População estimada de 2019, segundo o IBGE, é de 15.166 habitantes para uma área territorial de 295.036 km².

⁵ Termo utilizado pela Prefeitura de NV em memorial de inauguração da Praça Humberto Bortoluzzi; evocamos este conceito apenas para aludir às investidas públicas e privadas na cidade em questão. Não significa, portanto, que nos filiamos a essa definição.

⁶ Fora da Itália existem quatro gôndolas. Uma delas está em NV. Atualmente, quem visita esse ponto turístico pode receber em seu passaporte o “Carimbo datado não oficial”. Para saber mais: *Uma Gôndola para Nova Veneza*: <<https://vimeo.com/62067544>>.

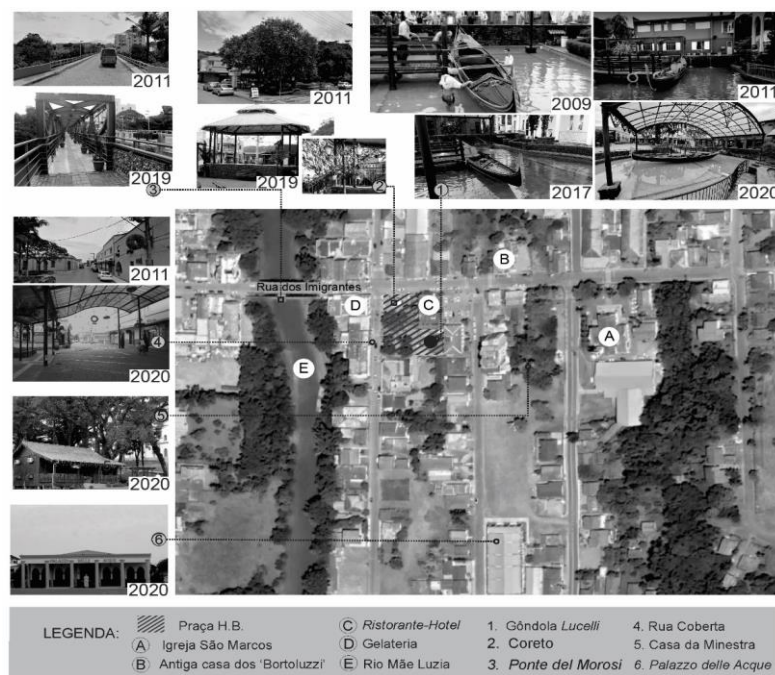
⁷ Enquanto o recurso para o projeto e construção da Rua Coberta foi proveniente de uma emenda parlamentar do ex-deputado federal Ronaldo Benedet, a repavimentação foi financiada pelo poder público municipal.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

todas as reformas e o valor – até hoje – investido na praça central da cidade, buscamos responder a essa pergunta lançando mão de outros recursos teórico-metodológicos. Isto é, conduzimos uma investigação que inaugura uma aproximação com o campo, agenciamos as bases teóricas sobre a temática e realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, que combina *observação direta* (MAGNANI, 2002) e *participante* – nossas percepções enquanto moradoras que retornam à cidade depois de onze anos – conversas informais e entrevistas semiestruturadas. Realizamos quatro entrevistas⁸ – sendo três com moradores, cujas identidades serão preservadas, e a outra com o agente político Aroldo Frigo Jr., na época presidente da Câmara Municipal de Vereadores de Nova Veneza e, em 2020, novamente eleito vereador. As conversas informais foram realizadas durante o campo de pesquisa – no mês de janeiro de 2020 – com moradores, frequentadores do espaço foco deste estudo, e trabalhadores locais. Entendemos que o uso dos dados provenientes de tais conversas, anotados em diário de campo, visa auxiliar a transmissão do clima e do tom, presentes nas interações estabelecidas no processo de uma pesquisa qualitativa.

Figura 2 – Localização da Praça H. B. e das intervenções urbanas públicas



Fonte: Google Earth, adaptada por Natalia Alano (2020).

⁸ Três dessas entrevistas foram captadas por meio de gravação de áudio e transcritas na íntegra. A quarta, que se refere a uma entrevista com um dos moradores, foi respondida por meio de texto escrito.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

Em um estudo etnográfico urbano deve-se prezar, conforme Magnani (2002), por um olhar de *perto* e de *dentro*, de modo que incorpore, na pesquisa, as vozes de atores sociais e a suas compreensões sobre a constituição da cidade; daí a busca por observar, entrevistar e conversar com os moradores e frequentadores da praça de NV. Ainda conforme o autor (MAGNANI, 2002, p. 17), a utilização do método etnográfico é um modo de “resgatar um olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques de fora e de longe”. Nesse sentido, considerando a abordagem metodológica deste estudo, pretendemos uma escrita em um limiar que ora se versa a uma visão *insider* ora *outsider* – como cidadãos e pesquisadoras –, de modo a agregar às reflexões, compreensões que talvez outros olhares não poderiam alcançar. Assim, em conformidade com Caldeira (2000), assumimos os riscos que a própria reflexão sobre a cidade em que nascemos nos impõe, cientes, portanto, das possíveis críticas e contestações que possam surgir.

Importa destacar que ao longo dessa tecitura, tomamos como base teórico-metodológica as discussões de autores provenientes no campo da Antropologia e do Planejamento Urbano, como: Caldeira (2000), Magnani (2002), Arantes (2002), Zukin (2000), Leite (2002), dentre outros e, no processo de elaboração textual, buscamos assumir uma estrutura de escrita em que a teoria acompanha a narração sobre o processo de entrada em campo⁹. Assim, não dedicamos aqui uma seção exclusivamente teórica, mas buscamos um tom mais ensaístico e não linear, uma vez que as compreensões também foram gestadas dessa maneira: na trança entre a prática e a teoria. Apesar de entrelaçadas, como os fios de lã, tentamos cardar as linhas do texto, de modo que o processo narrativo possa ser mais fluido. Visando, pois, a totalidade¹⁰ do que discorre Magnani (2002), o caminho que convidamos a percorrer se inicia no bairro Caravaggio.

⁹ O início da entrada em campo e a captação de dados se deu em janeiro de 2020 e finalizou em fevereiro do mesmo ano. Por se tratar de um período de férias e recesso, a dinâmica da praça pode ter sido alterada, reduzindo o fluxo habitual de circulação de turistas e moradores(as).

¹⁰ Para Magnani (2002, p. 16), a totalidade deve ser perseguida por meio da atenção do pesquisador “à materialidade da paisagem: relação entre espaços vazios e construídos, disposição das edificações, escala, volumetria, ruídos, cores, cheiros.”

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

Para Certeau (1996, p. 44), “o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública”. Deslocar-se, portanto, do bairro em que crescemos – Caravaggio – em direção ao centro da cidade, NV, é partir de uma pertença; de um lugar marcado historicamente. Aqui, a linguagem impõe definições: povo do Caravaggio ou povo da ‘Veneza’, aqui e lá, separando, impondo limites, embora o perímetro geográfico diga que, na verdade, é uma parte de um todo. Eis aí o que podemos denominar por ‘fronteira’, simbólica ou não, “lugar em que a incerteza teria encontrado seu mais exato reconhecimento.” (AGIER, 2001, p. 9).

Nossa enunciação é, pois, iniciada não da área central, mas partindo da ‘beirada’, em direção ao centro. Exercemos um trajeto que fazíamos no passado: caminhamos quatrocentos metros até a rodovia, no bairro Caravaggio, e tomamos um ônibus ainda em horário comercial, percorrendo seis quilômetros ao lado de poucos passageiros. Descemos em frente à igreja São Marcos¹¹, já na área central de NV, cujo relógio se impõe sobre nós, indicando o tempo disponível até que parta, de volta ao nosso bairro, o último ônibus do dia, às 19h20min. Dali, seguimos até à Praça Humberto Bortoluzzi, espaço-objeto deste artigo; mais duzentos metros de caminhada. Seguindo o trajeto, sobre paralelepípedos, quase tocamos nas edificações, aquelas que ainda herdaram a arquitetura colonial, erguidas em fita. Assim foi construída a mercearia com a qual nos defrontamos após atravessar a rua da igreja. Do outro lado, também em fita, vemos o restaurante de massas, que ainda preserva a antiga fachada da casa dos Bortoluzzi¹².

Nesse rápido percurso, observamos que também há novas edificações, as quais suas construções ou reformas parecem apelar pelo resgate de uma arquitetura do período colonial ou de outro espaço-tempo, em que a composição arquitetônica não apresenta um estilo definido. Elas recorrem a materiais que fazem alusão ao antigo, utilizando como aparato uma estética 'rústica': madeiras de demolição, tijolos maciços aparentes, uso do ferro ornamentado e composição de flores em vasos e cachepot

¹¹ Santo padroeiro da cidade de Veneza, Itália (BORTOLOTTI, 1992).

¹² Em alusão à família Bortoluzzi, uma das primeiras a entrar na colônia Nova Veneza (BORTOLOTTI, 1992).

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

pendurados nas janelas e nas beiradas, lembrando, desse modo, os jardins italianos das cores e das árvores frutíferas. É com uma composição paisagística de pés de limões sicilianos enterrados em grandes vasos, que nos defrontamos com o Restaurante-Hotel, o qual – na ambivalência entre o público e o privado – faz interface com a praça: nosso destino.

No térreo, onde há o *Ristorante Veneza*, assim denominado, observamos em sua fachada as bandeirolas em verde-branco-vermelho, lembrando as cores da bandeira italiana e, em seu interior, as toalhas em xadrez – também nessas cores – ficam postas à mesa sob as taças de vinho e de água. Tudo é observado do lado de fora da edificação, através das janelas em vidro (Figura 3), assim que chegamos à Praça H. B. Este ato nos alude a Baudelaire e seu poema em prosa: *Os olhos dos pobres*¹³. Para nós, é certo que dessa simplicidade – expressa com finura dentro e fora do restaurante – os mais pobres não provam. Em entrevista com o vereador Aroldo Frigo Jr., “*almoço durante a semana não foge menos de 18, 29 reais. O básico. Se tu for na rede gastronômica [italiana], aí tu vai pagar 52, 48, fora a bebida.*”¹⁴ (FRIGO jr, 2019. *Informação verbal, grifo nosso*). *Diferentemente das capitais brasileiras, para uma cidade interiorana esse valor é considerado como de alto custo, tendo em vista a desigualdade na paridade do poder de compra, em razão dos níveis salariais e das diferenças regionais*¹⁵.

Assim, nesses primeiros trajetos, percebemos que hoje, tal espaço, passou a ser frequentado pelos turistas nos finais de semana, e pelos empresários locais que podem pagar cinco dezenas de reais por um almoço tradicional, em dias úteis. A *polenta com galinha e fortaia*, prato típico da colonização italiana, vendida a alto custo no centro da cidade, remete à epígrafe deste artigo, que, nas palavras de Ghellere (2019), em NV há a “venda da simplicidade”. Com base na entrevista que realizamos com o vereador Frigo Jr. (2019), este parece ser um discurso consensual entre os agentes públicos, os quais compartilham do entendimento de que após a vinda da gôndola, NV começou a

¹³ BAUDELAIRE, Charles. Os olhos dos pobres. In: BAUDELAIRE, Charles. *O spleen de Paris: pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1985.

¹⁴ Neste artigo todas as citações que indicam falas dos nossos entrevistados e/ou moradores da cidade, serão apresentadas em itálico, além das aspas. Também aparecem em itálico: expressões locais, conceitos, palavras de outra nacionalidade e títulos de obras.

¹⁵ BLANCHARD, O. *Macroeconomia*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

introduzir fortemente a italianidade, reverberando na venda da gastronomia típica e da simplicidade com *valor agregado*¹⁶. De acordo com Frigo Jr. (2019. Informação verbal), a vinda da gôndola suscitou um despertar empreendedor na cidade e, hoje, a *competitividade* [da gastronomia] *já está com cidades de polos nacionais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte.*

Tal “despertar” implicou diretamente na reconfiguração dos espaços públicos e das edificações que recebem serviço gastronômico, como é o caso do *Ristorante-Hotel*, já mencionado por nós. Observar do lado de fora o *Ristorante-Hotel*, leva-nos a refletir sobre um passado pré-gôndola, do início dos anos 2000, quando, para os habitantes de outros municípios fronteiriços a NV, a cidade era vista como um lugar sem muitos atrativos e seu povo era, muitas vezes, estigmatizado com atributos como *colono, pobre e ignorante*.¹⁷ Nesse período, havia uma sensação de crise¹⁸, que não correspondia exatamente a uma crise gerada por uma degradação urbana – como conceitua Arantes (2002) ao tratar de processos estratégicos para uma cidade competitiva –, mas, de uma sensação coletiva de baixa autoestima, motivada por uma *estigmatização social* (GOFFMAN, 1982) e *territorial* (WACQUANT, 2007). Apesar dessa *estigmatização* não ter sido programada, nós a entendemos como funcional para aquilo que Arantes (2002) destaca como “ponto ótimo” para a reforma; quer dizer, o ponto oportuno para que os sujeitos “vulneráveis” aceitem mais facilmente as proposições de reformas ou mesmo a própria construção de uma nova ideia de italianidade (PREIS JR., 2017).

¹⁶ Expressão recorrentemente utilizada pelo vereador Aroldo Frigo Jr. em entrevista.

¹⁷ Nova Veneza não era uma cidade conhecida entre os próprios cidadãos catarinenses de localidades mais afastadas. Ao longo de onze anos, ambas as autoras, vivendo em outras cidades de Santa Catarina, vivenciaram situações em que cidadãos de outras partes do estado desconheciam a existência de NV.

¹⁸ A sensação de crise é geralmente promovida por um processo de degradação do espaço urbano em que essas pessoas vivem ou convivem.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

Figura 3 – Ristorante-Hotel visto desde a Praça H. B.



Fonte: Natalia Alano (2020).

Assim, se antes NV não apresentava uma relevância regional para o turismo, atualmente recebe o título de Capital Nacional da Gastronomia (Lei Federal nº 13.678 de 13 de junho de 2018)¹⁹. Título que, segundo o Prefeito Rogério Frigo, trará ao município mais recursos financeiros e destaque no aspecto turístico (FRIGO, 2018). Desse modo, se por um lado o estigma se transforma em orgulho, por outro, é possível inferir que o uso da “cultura da italianidade”, às vezes mais enquanto *marketing* do que como parte da história (PREIS JR., 2017), indica que já na época da chegada da gôndola havia uma estratégia para tornar a cidade um polo competitivo. Essa ação, que combina ‘sensação coletiva de crise’ dos habitantes e ‘identidade’²⁰ é um atributo comum do planejamento estratégico (ARANTES, 2002) para justificar suas reformas urbanas e, assim, atrair investimentos. Processo que, grosso modo, faz parte da lógica da *gentrificação*, na medida em que a reabilitação urbana pode ditar novos usos do solo e provocar a substituição de serviços e a expulsão de moradores frente à valorização do preço da terra (ARANTES, 1998; LEITE, 2002; ZUKIN, 2000).

¹⁹ A normatização em formato de lei para dar o título de Capital Nacional da Gastronomia à Nova Veneza originou do Projeto de Lei (PL) nº 123, de 2017. O PL, de autoria da então Deputada Federal de Santa Catarina, Geovana de Sá, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), teve como relator o Senador Dário Berger, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), e o sancionamento foi realizado pelo Presidente Interino Michel Temer (MDB), às vésperas da Festa da Gastronomia Típica Italiana. Vale ressaltar que no site do Senado (disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/131295>, acesso em: 21 de abril de 2022) não consta a formalização de um documento junto ao PL em que justifique o título.

²⁰ Identificação consensual da população à alguma cultura, ou “vontade conjunta”, como caracteriza Arantes (2002, p. 57).

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

Segundo Arantes (2002), a “âncora identitária”, ou a “isca cultural”, está presente na lógica do planejamento estratégico à medida que “o que está em promoção é um produto inédito, a saber, a própria cidade, que não se vende [...] se não fizer acompanhar de uma adequada política de *image-making*” (ARANTES, 2002, p. 17). Assim, a *image-making* de NV parece ter surgido com a própria “simplicidade” da gastronomia típica e da arquitetura (histórica ou não), em que, por detrás dessa simplicidade, há uma aparente espetacularização daquilo que se produz[iu] – material e imaterialmente – mediante a isca cultural da colonização²¹ italiana, que alude, entretanto, a uma noção de italianidade que não diz respeito ao resgate da história dos imigrantes (PREIS JR., 2017). Mas, contrariamente, criam uma fantasia de que estamos na própria Itália, ainda que em território brasileiro. A exemplo de tal fantasia, podemos citar: o *Carnevale di Venezia* (Figura 5), criado em 2007, as grandes festas *Dolce Páscoa* e *Natal Luz*²² que ocorrem anualmente no entorno da Praça H. B., bem como a própria produção arquitetônica do pequeno lago, que recebe a gôndola *Lucelli* e compõe o cenário para tais eventos.

Figura 4 – Ristorante-Hotel e sua interface com a Praça H. B. há dez anos



Fonte: Google Earth (2020).

Essas discussões – combinadas também com o diálogo²³ do poder municipal com cidades turísticas como Canela e Gramado²⁴, no Rio Grande do Sul – sugerem que, em NV,

²¹ Aqui, nosso foco não está em problematizar a história dos colonizadores ou acentuar a necessidade em contá-la, mas, em como ela parece ser contada na Praça Humberto Bortoluzzi.

²² Festa que tem como inspiração o evento *Natal Luz* realizado na cidade de Gramado - RS.

²³ Em 2019, a prefeitura de NV promoveu uma palestra com o Secretário de Turismo de Canela, com o propósito de conhecer a experiência turística da cidade em questão. In:

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

promover o investimento em turismo vem junto com o forjar e criar uma história. A seguir, as palavras de um de nossos entrevistados no que diz respeito à praça e à cultura italiana da cidade:

Vejo uma ligação da praça e seus arredores como uma forma de homenagem à história de nossos antepassados colonizadores, principalmente nos monumentos e na gastronomia típica oferecida nos restaurantes. As festas que o município realiza como o Carnevale di Venezia e Dolce Páscoa, vejo somente como atração turística e “glamourização” da colonização e da cultura italiana. (JOSÉ²⁵, 2019. Informação verbal)

Considerando o ponto de vista desse morador e aludindo, aqui, a Harvey (1992, p. 273), “[...] a tradição histórica é reorganizada como cultura de museu, [...] de história local, de produção local, do modo como as coisas um dia foram feitas, vendidas, consumidas e integradas numa vida cotidiana há muito perdida e com frequência romantizada.” No caso da cidade em questão, muitos elementos não foram perdidos, mas inventados e romantizados. Importa aqui destacar que “quando os imigrantes italianos colonizaram Nova Veneza no fim do século XIX, o carnaval já havia sido proibido em Veneza [na Itália] há mais de um século.” (PREIS JR., 2017, p. 40).

Figura 5 – Carnevale di Venezia na Praça H. B., s/d



Fonte: Visite Nova Veneza, 2019.

<<http://www.engeplus.com.br/noticia/geral/2019/secretario-de-turismo-do-municipio-de-canela-realiza-palestra-em-nova-veneza>> Acesso em: 10 de nov. de 2020.

²⁴ Sobre o processo de gentrificação dessas cidades, Cf. Rigati (2002), Gevehr & Berti (2019).

²⁵ Nome fictício para preservar a identidade do/a morador/a, participante deste estudo.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

Nesses termos, além das festas [tramadas], a romantização se circunscreve na própria arquitetura da Praça H. B., expressa por uma estética de “limpeza” e de organização que não permitem espaço para improvisos ou espontaneidade. Corroborando a lógica da gentrificação, em que a “[...] a reabilitação de certos bairros, especialmente dos centros urbanos, não passa de uma verdadeira consagração da eternidade da cena – bem polida, limpa, enfeitada, transformada ela mesma em museu.” (ARANTES, 1998, p. 136).

Na praça, a organização desse cenário é desempenhada com flores – que se misturam com o verde das árvores e das folhagens; animam canteiros, vasos e pérgolas –, e nos elementos arquitetônicos, os quais, na medida em que são compostos por materiais em comum, criam uma unidade: a pedra basalto, o ferro fundido ornamentado e o vidro. Trata-se de uma linguagem arquitetônica do local-praça e da localidade, uma vez que nos espaços comerciais do entorno essa composição de materiais – junto ao tijolo maciço aparente e a madeira – também é recorrente. Na praça, o uso do ferro ornamentado, por exemplo, está presente nas pérgolas (Figura 6), no Coreto (palco de apresentações musicais em dias de festa e aos domingos), nas luminárias, no guarda-corpo do lago que recebe a gôndola e, mais recentemente, foi o material arquitetônico estrutural para a execução da cobertura da chamada Rua Coberta. Esta, além de servir como proteção para desfiles festivos²⁶, também acabou privilegiando os serviços que fazem interface com a praça, cujas propriedades são de uma única família (Figura 7).

De acordo com Ronconi (PORTAL VENEZA, 2017), arquiteta responsável pelo projeto da cobertura da rua, o ferro faz referência a Veneza, na Itália, e aos imigrantes que, segundo ela, trouxeram para cá o uso frequente de tal material. Segundo Bortolotto (1992), em *História de Nova Veneza*²⁷, não há, contudo, qualquer referência ao uso do ferro no município com a vinda dos imigrantes. A metalurgia, aspecto econômico de bastante importância na região, começou a surgir apenas em meados do século XX, com a industrialização do país. Nesses termos, nem mesmo os materiais utilizados para ornamentar a praça parecem incorrer à história dos colonizadores italianos, salvo a

²⁶ Desfiles já narrados neste artigo: *Carnavale di Veneza, Dolce Páscoa, Natal Luz*, etc.

²⁷ Esse livro é uma das raras produções científicas sobre a cidade de Nova Veneza - SC.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

construção do memorial dos imigrantes – no entorno do lago que recebe a gôndola –, o qual dispõe os sobrenomes das famílias colonizadoras, do final do século XIX. Talvez este seja um dos únicos elementos que possa remeter a alguma história que nos leve, de fato, ao povo imigrante que colonizou tal região naquela referida época. Esse memorial é acompanhado por uma Roda D'água, que além de sua simbologia acerca de uma NV habitada e colonizada por “batalhadores”, tem a função de ajudar a manter limpa a água do lago, semanalmente tratada por funcionários da praça.

Figura 6 - Lateral do Ristorante - interface com a Praça



Fonte: Natalia Alano (2020).

O lago recebe a Gôndola *Lucelli* (Figura 8), suprassumo da Praça H. B.: ela representa “um elo”²⁸ entre o município e *Veneza, na Itália*, e – sob o comando do *gondoleiro*, o qual é contratado para alguns finais de semana como personagem do cenário, trajado de chapéu *panamá* e camisa listrada em branco-vermelho – é aberta ao público visitante, que, geralmente, faz questão de capturar o momento com um registro fotográfico no interior da gôndola. Sendo um suprassumo, ela também demanda segurança e vigília. A fim de evitar atos de depredação, como houve em 2015 (FREITAS, 2015), há o trabalho de vigias que revezam seus horários de doze horas diárias, seguido

²⁸ Este termo é utilizado no site Portal de Turismo da Prefeitura Municipal de Nova Veneza. In: <https://turismo.novaveneza.sc.gov.br/o-que-fazer/item/gondola-lucille>, acesso em 21 de abr. de 2022.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

de um dia de folga. Suas funções, além de consistirem em coletar assinaturas dos turistas que visitam o local, consistem, também, em vigiar e preservar – única e exclusivamente – o pequeno lago da Gôndola *Lucelli*. Além dos próprios seguranças, a Prefeitura Municipal de Nova Veneza recorreu a dispositivos tecnológicos como barreiras a *laser* e monitoramento por câmeras 24 horas (MARQUES, 2022).

Conforme declarou a atual Secretária de Cultura, Esporte e Turismo, Carolina Ghislandi, “A gôndola é um patrimônio como qualquer outro e precisa ser preservada e cuidada por todos. Com essa medida, vamos ter total controle e monitoramento de eventuais transtornos que podemos ter.” (MARQUES, 2022). Uma vez em campo, foi possível observar as câmeras²⁹ dispostas atrás das floreiras, no alto da Rua Coberta e também sobre algumas janelas do entorno, com seus “olhos” voltados à gôndola, demonstrando, pois, a estratégia *biopolítica* (FOUCAULT, 2008 e BUTLER, 2016 [2009]) de nossos tempos, a qual é arquitetada para que as coisas continuem “limpas” e no “devido lugar”, com a presença de corpos bem quistos àquele entorno. Sentimos olhos de controle ao permanecer ali, na praça, onde circulamos. O caminhar do pesquisador, conforme Magnani (2002), é mais lento que o do usuário de tal espaço e mais regular que o do passante, uma vez que deve permitir uma observação contínua, de modo a seguir o fluxo do andar e do parar: ora subimos até o Coreto (Figura 9), ora permanecemos ao lado da Gôndola *Lucelli*, e, assim, observamos atentas a Roda D'água à nossa frente. O vigia da gôndola parece estranhar nossa longa visita, mas não nos interpela em nenhum momento.

²⁹ Segundo um dos seguranças com quem estabelecemos diálogo durante a pesquisa, as câmeras são vigiadas pela polícia militar.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

Figura 7 – Rua Coberta



Fonte: Natalia Alano (2020).

Retomando o percurso na praça, acentuamos que, em seu entorno, a lógica da italianidade criada, mais que o resgate da história dos colonizadores, tem sido objeto de representação também nos serviços gastronômicos oferecidos, que não se limitam, portanto, ao prato típico. Tratam-se, assim, de cafés, *gelaterias*³⁰, pizzarias e chocolaterias, que têm suas mesas e cadeiras dispostas na calçada, lembrando uma vida urbana europeia dos dias de hoje. Compreendendo a lógica econômica e social da cidade, podemos dizer que os meios urbanos, conforme Agier (2001), podem ser fatores de encadeamento ou reforço dos processos identitários³¹.

Sobre esse encadeamento identitário de uma alusão à Europa – mediante a organização espacial, social e econômica da vida urbana – podemos, aqui, trazer novamente uma fala do vereador Frigo Jr., o qual, ao discorrer sobre a abertura de NV a investidores estrangeiros, comenta: “Uma empresa estrangeira que queira vir instalar aqui, ela não vai ter um choque de cultura tão elevado, porque se é europeia, se é italiana, já vai se sentir em casa. O choque é menor. Se é alemão, suíço, é menor, porque aqui é imigração europeia.” (FRIGO JR., 2019. Informação verbal). É recorrente, nessa cidade, que os habitantes com descendência italiana se reconheçam como ‘italianos’ e não ‘brasileiros’, lembrando, assim, a cena emblemática do longa-metragem *Bacurau* (2019), de Kleber

³⁰ Sorveteria, no idioma italiano.

³¹ Embora seja uma reflexão pertinente para compreender a produção do espaço urbano de Nova Veneza, não aprofundaremos, aqui, a discussão sobre o conceito de ‘identidade’.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

Mendonça e Juliano Dornelles, em que as personagens do sul do Brasil dizem ser provenientes de uma região rica de colonização alemã e italiana, fato que os aproximaria dos norte-americanos: “somos brancos como vocês.”

Figura 8 - Gôndola Lucelli



Fonte: José Ronconi, 2019.

Em NV, para muitos desses descendentes de italianos, os brasileiros, ou os “badjecos”, como adjetivam, não são eles próprios, mas aqueles de origem indígena ou africana. Assim, ainda que em solo catarinense, muitos dos descendentes se identificam como puramente italianos. Nas palavras de Stuart Hall (2000, p. 108-109), “As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência” e ela é construída a partir do reconhecimento de uma origem comum. Desse modo, ainda conforme Hall (2000), é “precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.” (Hall, 2000, p. 109).

No caso dos habitantes de NV, essa identificação é sinônimo de orgulho, estendendo-se a muitos elementos que vão além de suas relações interpessoais e

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

atingem, como já elucidamos, a construção da própria cidade, principalmente no que diz respeito ao centro de NV. Hoje, como vimos, essa identificação se apega a uma Itália distante da que chegou no Brasil, no final dos anos 1800, recorrendo, assim, a uma italianidade contemporânea e à tentativa de aproximação a uma “arquitetura europeia histórica”, fazendo alusão a uma Veneza, nunca presente; como num cenário fictício, criado³².

Figura 9 – Coreto



Fonte: Natalia Alano (2020).

Zukin (2000, p. 12), aludindo ao paradigma de James (1907), sugere a presença de três elementos na paisagem pós-moderna extra urbana: cenário, fantasia privada compartilhada e um espaço liminar que faz a mediação entre natureza e artifício, mercado e lugar. Para a autora, o consumo nas novas cidades tende ao entretenimento, de modo que a paisagem da cidade, nesse sentido, é expandida e nivelada através dos meios de consumo. Dessa forma, o turismo em NV é mediado pelo consumo da gastronomia e atraído por aquilo que podemos denominar como “fantasia do espaço

³² Durante as eleições municipais de NV, em 2020, o discurso eleitoral da atual gestão – no momento de candidatura à reeleição e hoje reeleita – era o de dar seguimento na atração de investimentos por meio do turismo, tendo como “carro-chefe” a proposta de construção do “Canal da Gôndola”.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

construído' (ZUKIN, 2000), seja ele público ou privado. Vale reiterar, assim, que os próprios estabelecimentos de consumo parecem adotar uma lógica da 'fantasia histórica' de, aparentemente, 'querer estar em outro espaço [e tempo]'. A *Gelateria Gheppo* (Figura 10) que faz esquina com a Praça H. B., torna-se um exemplo emblemático para tal afirmativa: i) simbolicamente, pelo produto e pelo nome (italiano); ii) arquitetonicamente, pelos ornamentos utilizados no edifício moderno que mascaram e dão um "ar" de rústico e de outro tempo; e iii) usualmente, pelo hábito pouco frequente numa NV pré-gôndola de consumir o sorvete em cadeiras e mesas sofisticadas dispostas na calçada. Além desse conjunto de fatores, há o próprio "preço" que se paga para acessar o produto que é oferecido: sempre de alto custo. Os altos preços de um turismo de consumo na centralidade de NV 'elegem' sujeitos passíveis de circulação naquele espaço entre Praça H. B. e seu entorno, levando-nos a questionar quais são os corpos que lá circulam e são homologados.

Em campo, observamos a chegada de uma família negra composta – aparentemente – de avó, mãe e filhos. Essas mães, com seus filhos, percorrem a praça e então se sentam para apreciar um sorvete que não correspondia ao 'sorvete italiano' vendido na *gelateria*, mas, àqueles comprados em mercado ou padaria num preço abaixo do "verdadeiro" *gelato*. A priori, a resignificação do consumo e do espaço nos soou positiva, mas, as nuances observadas ao longo desse evento geraram outras percepções. Diante daquela cena, inferimos que as mulheres que ali estavam mantinham seus corpos rígidos. Elas demonstravam preocupação com as crianças que brincavam sem limitação de espaço – subindo nos canteiros e correndo por todos os lados – e, por isso, pareciam inquietas para finalizar o sorvete e partir. Essa preocupação não parecia provir de um cuidado materno, mas dos olhares taxativos que condenavam – consciente ou inconscientemente – o movimento das crianças, do consumo, e de seus corpos (negros) em censura: questões raciais e de classe.

De acordo com Butler (2019), todas as identidades funcionam por meio da exclusão. E, para não perder de vista, ela é também um dos elementos da *gentrificação* (ARANTES, 2002), que elege quais corpos são passíveis de permanência. Esse evento narrado acentuou a compreensão de que o cenário da praça foi se moldando para

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

receber “personagens” específicos ou, até mesmo, “apropriados” para o local. Enganam-se, entretanto, aquelas pessoas que acreditam que tal “seleção” diz respeito apenas a sujeitos. A própria “revitalização” da praça tem gerado um efeito multiplicador de renovação da estética e do uso dos edifícios do seu entorno.

Conversando com alguns comerciantes do entorno da praça, percebemos que são efetivamente raros aqueles estabelecimentos que deixaram de realizar alguma reforma no último ano de 2019. Segundo tais comerciantes, há a finalidade de se adaptar à própria estética da praça e não ficar *para trás* nessa corrida de mercado. Não é raro ir a NV e perceber que novos comércios entraram em cena e outros serviços – que não correspondem ao negócio gastronômico – fecharam suas portas.

Figura 10 – Edificação antes e após a chegada da gôndola. Hoje, recebe a *Gelateria Gheppo* (à direita)



Fonte: *Google Earth* e Natalia Alano (2020).

De acordo com um dos comerciantes com o quais conversamos, geralmente esses serviços que fecham suas portas, as fecham porque não conseguem arcar com o aluguel em alta. Segundo o vereador Frigo Jr. (2019. Informação verbal), outro fator que tem promovido a substituição de alguns serviços é a priorização que o poder público municipal tem dado a comércios e serviços voltados à rede gastronômica, por meio de

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

uma normativa³³ de instrução tributária para essa zona geográfica. Conforme o vereador (FRIGO JR., 2019. Informação verbal), se hoje, por exemplo, a sala que recebe a agropecuária localizada em frente à praça fechar, só poderão abrir naquele local serviços como bar, restaurante, café etc. Há, portanto, uma aparente seleção ou exclusão do que se pode comercializar no entorno da Praça H. B.

A gentrificação é uma ótima estratégia para preservar o tecido físico da cidade [...]. Mas os gentrificadores têm altos rendimentos se comparados com a maioria dos habitantes da cidade, então, eles alteram a economia local. Eles apoiam mercados de consumo cultural – cafés com nomes chiques em vez do café comum do dia a dia, restaurantes gourmet – mas não apoiam as pequenas lojas e as feiras livres das quais os residentes de menor renda dependem. (ZUKIN, [20--] *apud* FRÚGOLI JR.; TALHARI, 2014, p. 10)

Nessas visitas diurnas à Praça H. B. – durante os dias úteis da semana, ao longo do mês de janeiro de 2020 –, percebemos que as pessoas não são muitas, embora a circulação seja dinâmica. Vimos, nesses dias, alguns turistas – provenientes de diferentes lugares do país – que, ao conhecer a praça, posam para fotos dentro da gôndola e leem [apenas alguns] as placas, as quais apresentam os pontos turísticos da cidade, e o monumento com nomes das famílias colonizadoras. Passantes, que por sua postura apressada e precisão em seus passos indicam serem moradores da cidade, atravessam a praça para cortar caminhos. Sob uma das pérgolas, os assentos e mesas de concreto da praça – daquelas que dispõem de um tabuleiro de xadrez em cima – recebem durante um curto período das tardes da semana os senhores do carteadado ou do ‘três setes’. Após esse uso, são poucos os sujeitos que se sentam às mesas. Alguns permanecem por breve tempo à espera de alguém e não ‘à deriva’ que o ambiente ‘praça’, de algum modo, tende a propiciar; lugar de passagem é o que a praça parece indicar nesses dias.

Percorremos o trajeto até a praça e seu entorno – para fins desta pesquisa – ao longo de dois dias da semana³⁴, no período de um mês, das 14h30min até o horário das

³³ Solicitamos reiteradas vezes ao então vereador o acesso a presente normativa para constar neste estudo. Contudo, até o presente momento, não foi possível acessá-la.

³⁴ Em campo, visamos alternar os dias da semana de tal forma: na primeira semana contemplamos as

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

19h, considerando a restrição de tempo por conta do transporte público, do qual dependemos para locomoção entre nosso bairro e o centro dessa cidade. Nos dias que seguem, sexta, sábado e domingo, realizamos campo ao final da tarde e à noite com amigos locais, os quais têm seus veículos particulares e, desse modo, houve a possibilidade de permanecermos na praça em outros momentos, podendo compreender, assim, a dinâmica daquele espaço em horários em que os bares e restaurantes do entorno são, enfim, abertos.

A restrição de acesso ao centro de NV, arriscamos tomar de tal modo, não parece ser pauta urgente do setor público. Essa questão foi levantada ao vereador Frigo Jr., o qual, em sua resposta, demonstrou conhecimento sobre o debate da mobilidade urbana, afirmando que essa preocupação é pauta de países “evoluídos” e que as soluções em NV viriam aos poucos (FRIGO JR., 2019. Informação verbal). Mas, em seu discurso, não indicou um movimento por parte do poder municipal que coloque em pauta a mobilidade enquanto uma preocupação urbana. O vereador apontou que haveria novos ônibus em circulação, ligando outros municípios, mas, não demonstrou, em entrevista, uma preocupação com o acesso de moradores de outros bairros ao Centro, e portanto à Praça H. B. Segundo ele, não haveria um problema de acesso, uma vez que a maioria da população teria seu próprio veículo de locomoção e estaríamos diante de um problema cultural, em que as pessoas não acessam o centro de Nova Veneza porque acham que os estabelecimentos da via gastronômica – entorno da praça – são caros e a maioria dos frequentadores da praça seriam, assim, os turistas e moradores de municípios vizinhos (FRIGO JR., 2019. Informação verbal).

Por outro lado, um de nossos entrevistados – morador do bairro Caravaggio –, além de nos relatar sobre as suas dificuldades em acessar a Praça H. B. para lazer, devido à restrição de horários do transporte público, relatou-nos que na localidade em que vive não há espaços de recreação, tal como se investe na região central da cidade (JOSÉ, 2019. Informação verbal). Tais palavras nos levam a afirmar que o problema de restrição de acesso entre os moradores do bairro e a prioridade de investimentos na área central de

segundas e terças-feiras; na segunda semana, as quartas e quintas-feiras; na terceira semana, a sexta-feira e o sábado; e na quarta, apenas no domingo.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

NV torna-se mais um exemplo de seleção de pessoas do “tipo certo”, como denomina Harvey (2014, p. 92) e, por assim dizer, mais um dos efeitos da gentrificação, uma vez que há um investimento público concentrado numa determinada localidade, “com tendências cada vez maiores a uma mercantilização da vida urbana” (SÁNCHEZ, 1999, p. 118), enquanto outras regiões passam por um processo de “desinvestimento” e/ou abandono (ARANTES, 2002). Além disso,

Se por um lado as práticas de *gentrification* separam esses lugares dos que neles vivem – na medida em que parecem alienar o patrimônio dos seus usuários através das relações econômicas de consumo –, por outro, é possível que esse mesmo processo amplie as possibilidades interativas (conflitivas ou não) entre aqueles que neles interagem. (LEITE, 2002, p. 121, grifo do autor)

O resultado dessa fratura que parece dividir quem é ‘autorizado’ a usufruir da praça de NV e quem não é, torna-se ainda mais evidente ao final do dia. À noite, principalmente nos fins de semana, a praça traz em sua composição as luzes e os sujeitos bem vestidos que circulam nesses espaços antes e depois de frequentarem os restaurantes do entorno. Alguns desses sujeitos ocupam as mesas das praças e apreciam suas bebidas dispostas em baldes com ‘gelos e taças’, ampliando, assim, os limites dos restaurantes³⁵. A Praça H. B. é marcada, portanto, pela presença de turistas e sujeitos de classes mais abastadas em sua centralidade – utilizando o termo de Sánchez (2010, p. 489), é o “*playground da burguesia*” –, enquanto as lanchonetes mais distantes agregam os demais moradores da cidade, que buscam por lazer e diversão em seu momento de descanso.

Ao questionarmos o segurança da gôndola, Daniel³⁶, – sujeito que, há mais de uma década, veio da região Nordeste a NV em busca de emprego – sobre suas atividades de lazer e frequência nos restaurantes do entorno da praça, ele discorre que não frequenta

³⁵ Desses usufrutos dos estabelecimentos privados sobre o espaço público da praça, o único responsável pela manutenção, segundo Aroldo Frigo Jr., é o poder público municipal e, por isso, é uma questão que demanda regulamentação, com vistas a distribuir as responsabilidades financeiras que essa manutenção demanda.

³⁶ Nome fictício para preservar a identidade do sujeito.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

tais espaços, apenas restaurantes, lanchonetes e bares mais afastados, a algumas quadras daí. Segundo ele, “*esses estabelecimentos do entorno são destinados às pessoas mais ricas e ele, enquanto pobre, não poderia frequentar esses lugares.*”³⁷ (DANIEL, 2019. Informação verbal). Considerando tal condição, podemos recorrer a Arantes (2000), o qual pontua que no espaço urbano comum “vão sendo construídos coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam [...] as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações.” (Arantes, 2000, p. 106). Isso não quer dizer que existam proibições *a priori* que limitem a circulação de tais sujeitos, mas, os preços, a própria arquitetura dos estabelecimentos e da própria praça, e a restrição de acesso por meio da ineficiência do transporte público, afastam as pessoas que não podem usufruir e consumir no local. Sobre essa questão, evocamos as palavras de um de nossos entrevistados referindo-se ao uso da praça:

[...] lembro de [...] moradores de NV que iam visitar a praça e levavam coolers com sua própria bebida para consumo e foram repreendidos por autoridades por tal atitude. Não sei se foi oficialmente proibido levar sua própria bebida nos arredores dos restaurantes, mas houve essa repreensão no local alegando que poderia haver confusão, brigas, extensão no horário de festas o que poderia desagradar os moradores dos arredores. Por isso, talvez, que a grande maioria dos frequentadores são visitantes que não residem em NV, parece que a praça foi planejada para receber esse público em específico. (JOSÉ, 2019. Informação verbal)

Tendo em vista os apontamentos desse entrevistado, podemos compreender os usos dos espaços públicos também como forma de resistência: tais espaços “não se ergue[m] na harmonia das falas, mas na comunicabilidade política do ‘desentendimento’ (RANCIERE, 1996), da qual emergem diferentes inteligibilidades sobre fatos iguais, e torna factível a possibilidade democrática.” (LEITE, 2002, p. 131). Ainda que esses sujeitos, conforme as palavras de um dos nossos entrevistados, tenham sido repreendidos por policiais na praça mediante uma alegação de algo que não ocorreu [*pode haver brigas e confusões*], demonstrando e acentuando, pois, o que se espera e quem se espera com/em

³⁷ Essa fala foi reproduzida em outras conversas durante a pesquisa, em especial, por “funcionários da praça” e de outros serviços do entorno.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

tais ambientes, ocupá-los é um modo de ressignificação desse espaço 'rígido'. Afinal, é “somente no âmbito da vida pública [...] [que] as pessoas compartilham ou disputam realidades, de onde aflora a condição humana da pluralidade, base da difícil convivência social e das relações de poder.” (LEITE, 2000, p. 131).

O que vimos até aqui, entretanto, é uma pluralidade restringida, colocando como foco a homogeneidade do uso. Nós *vendemos a praça*, enuncia a ex-presidenta da Associação Neoveneziana de Turismo, em epígrafe. Se há, por fim, quem venda, há de existir os que comprem. E a maioria dos compradores – na superfície do que se vê – parecem ser os turistas, visitantes de municípios vizinhos e os neovenezianos de classes mais altas, os quais, conforme a declaração da ex-secretária de Cultura, Esporte e Turismo, Susan B. Brogni, vão a qualquer lugar, não importa que tipo de acesso ele tenha: se a estrada é de asfalto ou de terra (BROGNI, 2019). Segundo ela, os turistas usufruem da cidade, independentemente do acesso (BROGNI, 2019). Essa afirmação nos leva, portanto, a outros questionamentos sobre a própria constituição da cidade e para quem ela é, de fato, orientada.

Considerações finais

Retornamos à cidade de NV porque nela já vivemos, nela nascemos. Considerando esse retorno e as percepções suscitadas em campo, este artigo não teve por objetivo um possível esgotamento do que se passa e se observa na Praça H. B. Diante de muitos aspectos a serem tematizados, tivemos que eleger alguns, deixando tantos outro de lado. A questão que permanece, entretanto, é a de que a praça de onze anos atrás não era do ferro, da gôndola, do *Carnavale di Venezia*, mas, de outra estética, de outras gentes, de outros encontros. Uma época distinta que não nos leva, aqui, a um saudosismo. Mas, perceber a diferença nos auxilia a refletir sobre o que ela, e a própria cidade, se tornou e visa a se tornar. Pensando na Praça H. B. e suas reformas, podemos dizer que, se houve ganhos, o principal e mais evidente é o da autoestima de grande parte dos neovenezianos, trazendo, assim, um sentimento de orgulho e pertencimento à cidade. Conforme Arantes (2002), as reformas urbanas – operações estratégicas – são consideradas “iscas”, grandes vitrines, as quais visam despertar esses sentimentos

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

mencionados. Assim, se tais sentimentos são importantes para esse povo, eles, em contrapartida, são peças-chave estratégicas que neutralizam conflitos e diferenças que a cidade, por si mesma, comporta.

Em se tratando de Nova Veneza, com base nesta pesquisa inaugural sobre o referente tema, evidenciamos alguns efeitos típicos do processo de gentrificação: a substituição dos pequenos serviços, a atração de pessoas³⁸ “do tipo certo” (HARVEY, 2014, p. 92) e o desinvestimento/abandono em outras áreas. Trata-se de efeitos que, como vimos, derivam da construção de uma *image-making* associada a uma nova ideia de italianidade, a qual deixa de lado a história dos imigrantes e dos povos originários, privilegiando, de outro modo, uma história inventada; uma ficção. Uma fantasia tal como se tornou a via Veneto, após o longa-metragem *La Dolce Vita* (1960), de Federico Fellini, a qual, segundo o próprio diretor, “[...] se transformou num violento esforço de se adaptar à imagem que dela havia dado em meu filme.” (FELLINI, 1983, p. 64).

Nova Veneza exhibe um cenário criado de uma italianidade que já não se assimila ao que é [era]. Trata-se de uma composição de alegorias italianas, apoiada a uma miscelânea cultural, em nome do mercado. Eis aí a resposta ao título deste texto – *Funiculí, Funiculà?* – que, em referência a uma música napolitana, sul da Itália, muito tocada nas festas locais do município, nada teria a ver com a origem dos imigrantes de NV, provenientes do norte³⁹ da Itália (TORQUATO, 2017)⁴⁰⁴¹. No desejo de criar um mercado [mais do que memória], afloram equívocos históricos que deslocam compreensões acerca do que é e do que foi nosso município.

Dessas críticas que levantamos, vale registrar que elas não se apoiam a um “desamor à cidade”⁴², mas, a um modo de refletir sobre a sua produção e, assim,

³⁸ Argumentamos que a maioria das pessoas que frequenta a praça – ou a ‘compra’, – é turista ou sujeito de classe média-alta, uma vez que foi a resposta que encontramos na superfície, observando os sujeitos e dialogando com alguns moradores.

³⁹ Em especial, da região do Vêneto e da Lombardia (BORTOLOTTI, 1992).

⁴⁰ No desejo de preservar a memória, afloram equívocos históricos, por não se compreender bem que língua e que cultura constituíam os imigrantes.

⁴¹ TORQUATO, C. P. O italiano na escola pública: conflitos históricos em Santa Catarina. *Revista de Italianística* XXXV, p. 15-28, nov. 2017.

⁴² Recorrendo a: SÁNCHEZ, F. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Otília Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato. Petrópolis, Editora Vozes, 2000. (Resenha). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 4, p. 101-103, maio 2001.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

problematizá-la, tendo em vista uma transformação ou uma constituição de cidade que seja produzida coletivamente. Conforme Caldeira (2000, p. 20): “Cidades das quais somos cidadãos são cidades nas quais queremos intervir [...]. As cidades [...] em que 'vivemos estão, como nós mesmos, mudando continuamente. Elas são cidades para serem refletidas, questionadas, mudadas. São cidades com as quais nos envolvemos.” Em consonância com Caldeira (2000), podemos afirmar que pensar a Praça H. B., em nosso percurso *de perto e de dentro* para a produção deste artigo, resultou em um envolvimento com o espaço urbano de NV que atinge a centralidade e, portanto, a constituição da cidade.

Refletir sobre o nosso deslocamento, a arquitetura, os sujeitos frequentadores e os próprios moradores suscitou questões que nos envolveram enquanto pesquisadoras e enquanto habitantes do município. Assim, mais do que as respostas para as perguntas elencadas no início deste artigo, compreendemos que para afirmarmos – com certeza – que em Nova Veneza há um processo de gentrificação em curso, demandaríamos novas investigações e novas perguntas, em especial no que diz respeito à substituição, ou não, da população residente. Ao questionarmos se ainda havia planos de “reformas” na centralidade de NV, Frigo Jr. (2019. Informação verbal) nos afirmou que a prefeitura trabalha atualmente para trazer *“uma segunda gôndola da Itália, que ficaria disposta em um canal artificial, a ser construído por meio de projeto aprovado em concurso público”* (FRIGO JR., 2019. Informação verbal). Conforme o vereador,

O que espera NV após a segunda gôndola: vai ser uma coisa surreal. Vai triplicar. Se hoje os hotéis que têm aproximadamente mais de setenta leitos estão lotados, vai ser algo de empreendedorismo na NV. E aí começa a fazer a valorização de localidade, né? [...]. Tem muitos empregadores, funcionários de níveis altos, que querem morar em NV [...] aí você consegue fazer a segunda parte, vender NV internacionalmente. (FRIGO JR., 2019. Informação verbal)

Essa resposta nos levou a uma nova questão: quem são os verdadeiros compradores dessa cidade? Ou, em referência à Sánchez (1999), de que política e/ou gestão

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

urbana estamos falando? City-marketing ou plano estratégico?⁴³ Responder a essas perguntas nos exigiriam outros estudos acerca da esfera política do planejamento e da gestão urbana (SÁNCHEZ, 199) e, portanto, outros aprofundamentos. Mas, a fim de não deixar espaço para o vazio, recorreremos às palavras de Arantes (2002, p. 28): “todo incremento de crescimento local, mantidas as correlações sociais vigentes, implica uma transferência de riqueza e chances de vida, do público em geral para os grupos rentistas e seus associados.” Daí a proposição: investigar quais são esses “grupos” e seus “associados” em NV e quais seus interesses no discurso dessa italianidade forjada e em suas constantes reformas. Afinal, em NV é nebulosa a relação entre agentes públicos e investidores locais (empresários, comerciantes etc.), que se confundem do mesmo modo como se configura a ausência de limites do espaço privado sobre a Praça Humberto Bortoluzzi. Dessa pergunta que propomos, talvez uma afirmação possa ser adiantada: há um processo de *gentrificação* em curso e algo “*surreal*” ainda está por vir.

Referências

ARANTES, Antonio. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARANTES, Otília. **Urbanismo em fim de Linha**. São Paulo: Edusp, 1998.

ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal. In: ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 11-74.

BORTOLOTTI, Zulmar. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. 2.ed. Trad. Sérgio Lamarão e Arnaldo Marque da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

⁴³ Enquanto o primeiro – por meio da política urbana – visa o atendimento às necessidades dos consumidores, o plano estratégico “propõem atuações integradas a longo prazo, dirigidas à execução de grandes projetos que combinam objetivos de crescimento econômico e desenvolvimento urbano” (SÁNCHEZ, 1999, p. 115).

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: 34 LTDA, 2000.

CARDIM, George. Nova Veneza ganha título de Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana. **Senado Notícias**, Brasília, 18 jun. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2018/06/nova-veneza-ganha-titulo-de-capital-nacional-da-gastronomia-tipica-italiana>. Acesso em: 21 abr. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREITAS, Cris. Vandalismo, eleição, festival de corais e outros assuntos do cotidiano. **Nova Veneza Online**, Nova Veneza, 26 nov. 2015. Disponível em: <https://novavenezaonline.com.br/colunistas/cristiane-freitas/vandalismo-eleicao-festival-de-corais-e-outros-assuntos-do-cotidiano/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FELLINI, Federico. **Fellini por Fellini**: vida, obra e paixões do grande cineasta, contadas por ele mesmo. Porto Alegre: L&PM, 1983.

FRIGO, Rogério. Agora é lei: Nova Veneza é a capital nacional da gastronomia típica italiana. In: MAFIOLETE, Haudrey. **Portal Veneza**, Nova Veneza, 13 jun. 2018. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/agora-lei-nova-veneza-capital-nacional-gastronomia-tipica-italiana/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

FRÚGOLI JR., H.; TALHARI, J. C. Entre o tecido físico e social das cidades: entrevista com Sharon Zukin. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 84, p. 7-24, fev. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v29n84/00.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2020.

GEVEHR, Daniel Luciano; BERTI, Franciele. Luxo e sofisticação nas vitrines da Borges: gentrificação comercial e turismo no espaço urbano de Gramado (RS). **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 1-13, 2019.

GHELLERE, Franciele. In: CRITV. Nueva Venezia: ancora e sempre sorprendente. [S.l.: s.n.], 2019, 1 vídeo (12 min.). Publicado pelo canal CriTV Criciúma. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgsZujXFmWE&t=8s>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 30-49.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Bernardo do Campo, v.17, n. 49, p. 1-22, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Bernardo do Campo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MARQUES, Lucas. CULTURA Após restauração, gôndola será reaberta para visitação em Nova Veneza. **SC Todo Dia**, Nova Veneza, SC,, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://sctododia.com.br/cultura/apos-restauracao-gondola-sera-reaberta-para-visitacao-em-nova-veneza-9153>. Acesso em: 19 abr. 2022.

NOVA VENEZA. **Lei n. 13.678, de 13 de junho de 2018**. Confere ao Município de Nova Veneza, no Estado de Santa Catarina, o título de Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana. Nova Veneza: Câmara Municipal, [2018]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13678.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.678%2C%20DE%2013,Nacional%20a%20Gastronomia%20T%C3%ADpica%20Italiana. Acesso em: 10 mar. 2020.

PREIS JÚNIOR, Egar. **Por trás das máscaras**: a construção das representações étnicas em Nova Veneza – SC. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2017. PROJETO da Rua Coberta de Nova Veneza é entregue ao prefeito Frigo. **Portal Veneza**, Nova Veneza, 21 mar. 2017. Disponível em: <https://www.portalveneza.com.br/deinfra-ira-fazer-uma-nova-licitacao-trevo-caravaggio/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

RIGATTI, Décio. O turista, o morador e o uso do espaço urbano: interações espaciais em Gramado e Canela. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 16, p. 69-107, 2002.

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades**. 2. ed. Chapecó: Unochapecó, 2010. 555 p.

Funiculí, Funiculà? A isca cultural da italianidade e o processo de gentrificação urbana no centro de Nova Veneza-SC

Natalia D'Agostin Alano, Natassia D'Agostin Alano

SÁNCHEZ, Fernanda. Políticas urbanas em renovação: uma leitura crítica dos modelos emergentes. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, n. 1, p. 115-132, 1999.

SOARES, Paulo Roberto. O renascimento urbano do Bom Fim: Sinais de gentrificação hipster em Porto Alegre? **Revista Minha Cidade**, Porto Alegre, ano 17, out. 2016.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: Antônio Arantes (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 104-115.

WACQUANT, Loïc. Territorial stigmatization in the age of advanced marginality. **Thesis Eleven**, [s.l.], n. 91, p. 66-77, 2007.

Contribuições de autoria:

Natalia D'Agostin Alano: conceituação; curadoria de dados; análise formal; investigação; metodologia; administração do projeto; visualização; escrita – análise e edição.

Natassia D'Agostin Alano: conceituação; análise formal; investigação; metodologia; administração do projeto; visualização; escrita – rascunho original; escrita – análise e edição.

Recebido em: 04/06/2021

Aprovado em: 08/04/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
PerCursos

Volume 23 - Número 51 - Ano 2022
revistapercursos.faed@udesc.br